



**PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS**

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Agressividade infantil e Psicanálise

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

A agressividade é inata ao indivíduo e constitutiva do eu, diferindo da violência ou destrutividade, que por sua vez pode ser definida como a mobilização do sujeito para uma tentativa de aniquilamento do outro.

A resposta agressiva acaba funcionando como um mecanismo de defesa ou sobrevivência, em função de uma ameaça externa. Por isso, a agressividade não destrutiva, num primeiro momento, não deve ser diagnosticada como distúrbio de comportamento.

Freud localizou as raízes da agressividade na reação às inevitáveis frustrações, no contato com o Princípio da Realidade. Segundo ele, a agressividade quase sempre está ligada a um sentimento de rejeição social.

Diz-se que a agressividade é constitutiva, uma vez que a construção psíquica do próprio sujeito começa no reconhecimento da libido narcísica (amor do eu) e, mais tarde, é direcionada à realização do seu desejo, num deslocamento ao amor de objeto (libido objetal).

A agressividade, neste ponto, promove uma identificação e reconhecimento da alteridade (o outro, distinto do eu), pela diferenciação entre o sujeito e o mundo exterior, e pela externalidade do mundo, permitir o uso do objeto.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Já segundo Winnicott, a agressividade não tem uma única raiz, mas várias naturezas e formas de manifestação, sendo que a resposta ambiental em relação à agressividade do bebê influencia predominantemente no modo como ele irá lidar com a tendência agressiva (inerente à natureza humana).

Winnicott (1958) vai afirmar:

“A principal ideia que este estudo da agressão veicula é que, se a sociedade está em perigo, a razão não se encontra na agressividade do homem, mas na repressão da agressividade pessoal nos indivíduos”. WINNICOTT, D. W. 1958. Pp. 355.

Ou seja, sendo a agressividade um comportamento quase sempre rejeitado e que promove exclusão social, se o ambiente não se mostra capaz de reconhecer, aceitar e integrar a manifestação agressiva, o indivíduo terá de escondê-la (através da timidez ou excessivo autocontrole) ou cindi-la, redundando num comportamento antissocial, violento ou compulsivo-destrutivo, a depender de como se dê essa elaboração pelo sujeito.

Há de se notar, portanto, que a agressividade passiva, como o retraimento e a omissão são tão ou mais agressivos quanto a manifestação ostensiva da agressividade.

Para Winnicott, as raízes da agressividade nos estágios iniciais do bebê e da criança não envolvem afetos (como amor ou ódio), uma vez que estas são conquistas posteriores. Assim, a demonstração de agressividade no bebê nada mais é que



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

espontaneidade, vitalidade e impulsividade natural (como a busca pelo alívio imediato de um estado de urgência total – o bebê que chora de fome).

Aliás, é o choro do bebê o primeiro sinal de sua agressividade; desde as fases iniciais da alimentação, a agressividade possibilita ao sujeito a experiência de procurar conciliar a ambiguidade de proteger o que ama e de destruir sua fonte de satisfação, como o bebê que procura o seio para sua saciedade, e depois de alimentado, afasta-se ou afasta-o (o seio que o alimenta).

Nas crianças, a agressividade pode se caracterizar numa expressão de:

- Busca por atenção;
- Dificuldade de adaptação ambiental;
- Incompreensão da própria maneira de ser;
- Inabilidade para assimilação de traumas ocorridos;
- Sensação de insegurança, baixa autoestima, inferioridade;
- Sentimento de rejeição;
- Inadaptação à dinâmica familiar;
- Inabilidade para expressar seus sentimentos;
- Identificação com o comportamento (agressivo) da figura paterna e/ou materna;
- Necessidade de autoafirmação nas disputas de poder ou atenção.

Por isso, perante uma atitude agressiva da criança é importante ser firme (manter o controle emocional e não ceder à birra infantil) e apurar a escuta (entender através dessa linguagem qual a mensagem que a criança deseja transmitir).



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

A agressividade sempre carrega uma mensagem que precisa ser ouvida; sua repressão ou a punição, em função de sua expressão, tende a reforça-la.

Outro aspecto é que o receio, pelos pais, de impor limites às crianças pode se originar do equívoco de considerar tal atitude como agressiva, quando é justamente pelo limite que se estabelece que a criança pode se sentir segura. Dar liberdade total aos filhos sem estabelecer regras poderá torna-los dependentes, inseguros e insatisfeitos.

Diante da agressividade, a sublimação é uma forma de canalizar as pulsões destrutivas para fins socialmente (culturalmente) valorizados.

A fantasia infantil, na forma de histórias, brincadeiras e expressões artísticas é decisiva para que ela enfrente seus primeiros conflitos psíquicos, como perdas e frustrações, pela via simbólica. As brincadeiras costumam expressar a agressividade infantil pelo poder criador da imaginação.

Mais tarde, a cultura irá impor ao sujeito restrições à manifestação da agressividade, por ameaçar as relações sociais – e a integridade física, equilíbrio emocional de outros indivíduos -, exigindo grande investimento psíquico ou dispêndio de energia. Sendo a agressividade a maior ameaça do homem à vida em sociedade ou na civilização, deve-se pagar o preço da satisfação pulsional (FREUD, 1930).

Se ao chegar neste ponto, a criança tiver satisfatoriamente vencido todas as etapas de amadurecimento psíquico, poderá elaborar com mais facilidade o mal-estar na civilização.

O desafio está lançado.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

Referências

FREUD, S. (1996i). O mal-estar na civilização. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

KLEIN, Melanie. A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 149-168. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 3)

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. Sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, D. W. Privação e delinquência. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. 1958 [1950]: "Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional". *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. Trad. br.: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.